

**DIA DE NATAL**  
**25 DE DEZEMBRO DE 2025**  
**JOÃO 1.1-14**

## **1 INTRODUÇÃO AO PERÍODO LITÚRGICO**

O Tempo de Natal é um dos grandes ciclos do Ano Litúrgico, reunindo em si três períodos interligados: o Advento, o Natal e a Epifania. Embora às vezes tratados como tempos distintos, a teologia litúrgica os reconhece como uma única celebração estendida do mistério da encarnação de Cristo. O Advento prepara a igreja para a vinda do Senhor, o Natal celebra a sua chegada, e a Epifania manifesta sua identidade divina ao mundo. Juntos, esses momentos litúrgicos expressam a realidade central da fé cristã: Deus se fez carne e habitou entre nós (João 1.14). É neste ciclo que a Igreja proclama a tensão escatológica do já e ainda não, lembrando que, em Jesus, Deus já reconciliou o mundo consigo mesmo (2Co 5.19), embora ainda aguardemos a consumação final de todas as coisas (Ap 21.1-5). Essa tensão, que também se reflete na vida de cada cristão como justo e pecador ao mesmo tempo (*simul iustus et peccator*), encontra sua resolução na presença real e salvadora de Cristo, especialmente nos meios da graça.

O Advento marca o início do novo Ano da Igreja. Composto por quatro domingos, começa sempre no domingo mais próximo do dia 30 de novembro, data da comemoração de Santo André. Seu nome vem do latim *adventus*, que significa “vinda”, e seu foco está tanto na preparação para a celebração do nascimento de Cristo em Belém quanto na expectativa por sua segunda vinda em glória. É um tempo de penitência e esperança. A liturgia adquire um tom mais sóbrio e contemplativo, e o uso do azul ou do roxo, a ausência de flores e o canto de hinos específicos ajudam a expressar essa atmosfera de preparação e arrependimento. Os dois primeiros domingos enfatizam a vinda final de Cristo e os juízos de Deus, enquanto os dois últimos concentram-se na figura de João Batista, que chama ao arrependimento e prepara o caminho para o Senhor. A prática da Coroa do Advento, com o acendimento progressivo das velas, simboliza a aproximação da luz verdadeira que virá ao mundo.

Na noite do dia 24 de dezembro, a Igreja inicia a celebração do Natal do Senhor. Junto da Páscoa, o Natal é o centro do Ano da Igreja. A festa da Natividade celebra o fato de que o Verbo eterno de Deus se fez carne para redimir a humanidade. O nascimento do Salvador é proclamado como boa-nova de grande alegria (Lc 2.10), pois o Deus invisível se tornou visível, o eterno entrou no tempo, e a salvação se tornou acessível a todos os povos. Historicamente, o dia 25 de dezembro foi adotado no Ocidente como uma resposta cristã à antiga festa pagã do nascimento do deus-sol invencível (*Natalis Solis Invicti*). Em vez de celebrar o sol criado, a Igreja passou a celebrar o nascimento do verdadeiro Sol da Justiça (Ml 4.2), que ilumina a todos os que habitavam nas trevas (Is 9.2).

Liturgicamente, o Natal possui três celebrações distintas: a primeira, tradicionalmente realizada à noite (frequentemente à luz de velas), concentra-se no anúncio do nascimento e na adoração dos pastores (Lucas 2.1-14); a segunda, ao amanhecer, retoma a visita dos pastores e o louvor que retorna com eles (Lucas 2.15-20); e a terceira, celebrada durante o dia, proclama o majestoso prólogo de João: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (João 1.14). No entanto, no contexto das congregações da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), nem sempre é possível realizar todas essas celebrações devido à realidade pastoral e comunitária. Assim, em grande parte das comunidades brasileiras, a celebração do Natal se concentra apenas no culto solene do dia 25 de dezembro, que reúne, de forma condensada, os temas centrais de toda a festa: o cumprimento das promessas, a alegria da encarnação e a proclamação da salvação em Cristo.

A celebração do Natal não se encerra no dia 25. A festa se prolonga ao longo de doze dias e culmina na Epifania, celebrada em 6 de janeiro. Durante esse período, a igreja continua a cantar os hinos natalinos e a meditar no mistério da encarnação. Os dias seguintes à Natividade lembram figuras marcantes da fé cristã: Santo Estêvão (26 de dezembro), São João Evangelista (27 de dezembro) e os Santos Inocentes (28 de dezembro). No dia 1º de janeiro, celebra-se a Circuncisão de Jesus e a imposição de seu nome, recordando que ele veio cumprir plenamente a Lei por nós (Gl 4.4-5). O ciclo natalino segue então com os domingos após o Natal (um ou dois, dependendo da data da Epifania), nos quais se aprofundam os eventos da infância de Jesus e sua identidade como Filho de Deus.

## 2 COMENTÁRIOS SOBRES OS TEXTOS

### 2.1 Intróito: Salmo 98.1-4; antífona Isaías 9.6

O Intróito do culto de Natal inicia com a antífona de Isaías 9.6: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros, e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.” Este versículo, tão conhecido entre os cristãos, é a síntese de uma promessa que se cumpre na encarnação do Filho de Deus. Não se trata apenas do nascimento de uma criança especial, mas da chegada do próprio Deus ao mundo em forma humana (cf. Jo 1.14). Os títulos atribuídos a esse menino demonstram sua realeza, sua divindade e sua missão redentora. Este é o rei prometido da linhagem de Davi (cf. Is 7.14; Lc 2.4), cujo reino não tem fim. Por meio dele, Deus governa com justiça e traz paz verdadeira ao seu povo.

O profeta apresenta esse nascimento como a razão da alegria do povo, especialmente para os que andavam em trevas e viviam sob o julgo opressor (cf. Is 9.2-4). O menino que nasce é o sinal de que Deus intervém com graça. “Um filho se nos deu” (v. 6) indica não apenas o nascimento, mas o envio de alguém que já existia, linguagem compatível com a doutrina da encarnação do Filho eterno. Lutero comenta que “no reino de Cristo há graça, conforto, perdão dos pecados, alegria, paz”, e esse governo não se exerce com tirania, mas com compaixão. É por isso que Isaías diz que “o governo está sobre os seus ombros” (v. 6): ele sustenta a criação com poder, mas governa com misericórdia.

O corpo do Intróito, Salmo 98.1-4, convida a terra inteira a celebrar essa salvação. “Cantem ao Senhor um cântico novo, porque ele tem feito maravilhas; a sua mão direita e o seu braço santo lhe alcançaram a vitória” (v. 1). A linguagem do salmo é expansiva, passando da adoração de Israel (v. 1-3) para a convocação dos moradores da terra (v. 4), e finalmente à inclusão de toda a criação (cf. v. 7-9). A vitória do Senhor, cantada aqui, é agora visível no nascimento de Jesus. Ele é a encarnação da fidelidade de Deus e a concretização da promessa de salvação “diante dos olhos das nações” (v. 2). A alegria do Natal, portanto, não é apenas interior, mas pública e comunitária. Ela é celebrada com vozes, instrumentos e exultação.

Neste Dia de Natal, o Intróito nos introduz à liturgia com uma proclamação e uma convocação. A proclamação é que o Salvador nasceu, o Príncipe da Paz nos foi dado (Is 9.6). A convocação é que toda a terra se alegre diante da presença do Senhor (Sl 98.4). Assim como os pastores correram para ver o menino (Lc 2.15–16), também nós somos chamados a nos aproximar em adoração. Este é o cântico novo que entoamos: Deus veio ao mundo em forma de servo, e sua vitória sobre o pecado e a morte começou na humildade da manjedoura. O culto de Natal é, por isso, expressão visível da alegria do Evangelho, em que a igreja celebra não apenas o nascimento de um rei, mas a vinda do próprio Deus, que habita conosco.

## **2.2 Primeira leitura: Isaías 52.7-10**

O texto de Isaías 52.7 a 10 é uma proclamação triunfante da vitória de Deus e da restauração do seu povo. O profeta exclama: “Quão formosos são, sobre os montes, os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz” (v. 7). A imagem do mensageiro correndo pelos montes traz à memória a alegria do povo que, aflito no exílio, finalmente escuta que a libertação chegou. A beleza dos pés não está no mensageiro em si, mas na natureza da mensagem proclamada: “O teu Deus reina”. Isso é o Evangelho. Deus está no trono e a sua realeza se manifesta em paz, salvação e alegria. Paulo retoma essa mesma verdade em Romanos 10.15.

Paul Devantier observa que, em nossos dias, esperamos boas notícias através de telas e celulares, e afirma: “Tweets, ligações, relatórios médicos e até o primeiro choro de uma criança trazem boas notícias. Nós oramos por esse tipo de notícia e nos alegramos quando ela vem”. Ele conclui dizendo: “O belo não está nos pés do mensageiro, mas na beleza da mensagem”.

Essa proclamação chega aos atalaias de Sião, que levantam a voz com júbilo “porque verão com seus próprios olhos o retorno do Senhor a Sião” (v. 8). O profeta antecipa o retorno de Deus ao seu povo não apenas como evento político, mas como realidade teológica profunda. Deus volta ao meio do seu povo, restaurando sua presença entre eles. Ver o Senhor é privilégio dos justificados. R. Reed Lessing comenta que a expressão hebraica *עַיִן בְּעַיִן* (“olho com olho”) significa “ver diretamente, sem véus” e traduz: “Eles verão diante de seus próprios olhos o retorno de Yahweh”.

Os versículos seguintes convocam até as ruínas de Jerusalém a se alegrarem: “Rompam em cântico de júbilo juntamente, ó ruínas de Jerusalém, porque o Senhor consolou o seu povo, remiu Jerusalém” (v. 9). Aqui a imagem é de pura esperança: escombros cantam. Onde havia destruição, há consolo. O verbo hebraico גָּאֵל (ga’al) aponta para o resgate feito por um parente redentor. Cristo assume esse papel. Lessing explica: “Yahweh está confortando seu povo, e esse consolo é transformador”.

O clímax está no versículo 10: “O Senhor desnudou o seu santo braço à vista de todas as nações; todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus”. O “santo braço” aparece no hebraico como זְרוֹעַ קְדֹשׁ (zerôa qodshô). Lessing traduz essa imagem assim: “Yahweh arregaça a manga como um guerreiro, exibindo seu braço santo para que todas as nações vejam seu poder salvador”. Ele ainda observa que essa expressão ecoa o Salmo 98 e prepara a chegada do Servo Sofredor em Isaías 52.13.

Devantier resume a força do texto: “Isaías aponta para a mensagem final da salvação e para o reinado eterno de Jesus Cristo... A mensagem é bela porque Cristo reina e, pela fé, compartilhamos de seu Reino”.

Por isso, este texto é lido no Natal. Em Cristo, Deus reina, consola, redime e salva. Como mensageiros e atalaias, nossa voz ecoa a mesma verdade: o nosso Deus reina.

### **2.3 Salmodia: Salmo 2 (antífona vers. 7)**

O Salmo 2 é uma poderosa afirmação da soberania de Deus e da realeza de seu Ungido. Ele se inicia com uma pergunta que revela perplexidade diante da rebelião humana: “Por que se enfurecem as nações e os povos imaginam coisas vãs?” (v. 1). Trata-se de uma descrição vívida da oposição dos reis e autoridades deste mundo contra o Senhor e contra o seu Cristo: “Vamos romper os seus laços e sacudir de nós as suas algemas” (v. 3). Tal atitude simboliza o desejo humano de rejeitar a autoridade divina e viver de forma autônoma, desconsiderando a aliança estabelecida por Deus.

A resposta divina, porém, é marcada por uma soberania serena e inabalável. “Aquele que habita nos céus dá risada; o Senhor zomba deles” (v. 4). Ele não é surpreendido nem ameaçado pelas tramas humanas. Com firmeza, Deus proclama: “Eu constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião” (v. 6). A antífona, retirada do versículo 7, ressalta essa proclamação real: “Você é meu Filho, hoje eu gerei você”. Essa

afirmação, colocada na boca do rei messiânico, tem sua plenitude em Jesus Cristo, conforme reconhecido no Novo Testamento (cf. At 13.33; Hb 1.5). A filiação divina de Cristo fundamenta sua autoridade e missão salvífica.

Nos versículos seguintes, o Senhor entrega ao seu Filho um domínio absoluto: “Peça, e eu lhe darei as nações por herança e as extremidades da terra por sua possessão” (v. 8). A autoridade do Ungido é descrita com imagens de julgamento e restauração: “Com uma vara de ferro você as quebrará e as despedaçarás como um vaso de oleiro” (v. 9). Isso não aponta para um domínio opressor, mas para a firmeza com que o Senhor estabelecerá seu reino de justiça, confrontando o pecado e protegendo seu povo. A linguagem escatológica do salmo antecipa o reinado vitorioso de Cristo sobre toda a criação.

O salmo conclui com um apelo e uma advertência: “Sirvam o Senhor com temor e alegrem-se nele com tremor. Beijem o Filho para que não se irrite [...] Bem-aventurados todos os que nele se refugiam” (vv. 11–12). A reverência e o temor diante do Filho são marcas da fé genuína. A bem-aventurança prometida é para aqueles que, em meio às tribulações do mundo, encontram refúgio em Cristo. No contexto do Natal, este salmo lembra à igreja que o menino de Belém é também o Rei eterno constituído por Deus. Sua encarnação inaugura um reino que não terá fim, e seu governo é motivo de temor reverente e de profunda alegria para o povo redimido.

## **2.4 Gradual: Isaías 9.6; Salmo 98.1ª**

O Gradual do Dia de Natal une em bela harmonia a profecia de Isaías com o louvor dos salmos. Ele proclama: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu. O governo está sobre os seus ombros, e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Isaías 9.6). Esta é uma das promessas mais conhecidas do Antigo Testamento, e ressoa com ainda mais força no contexto natalino. O nascimento do menino em Belém não é apenas um evento histórico, mas a chegada do Rei prometido, aquele que traz sobre si o peso do governo do Reino de Deus.

O versículo também proclama os títulos messiânicos atribuídos a Cristo. Cada nome revela uma faceta do caráter e da obra do Salvador: “Maravilhoso Conselheiro” indica sua sabedoria divina; “Deus Forte” sua natureza eterna e onipotente; “Pai da

Eternidade” sua relação com o tempo e com o povo redimido; “Príncipe da Paz” sua obra reconciliadora, que restaura a paz entre Deus e os homens. O Gradual, portanto, coloca diante da congregação o Cristo total, não apenas como criança na manjedoura, mas como Rei eterno e Salvador pleno.

A resposta do povo de Deus a essa revelação é o cântico novo de louvor: “Cantem ao Senhor um cântico novo, porque ele tem feito maravilhas” (Salmo 98.1a). O salmista nos convida a louvar com alegria pelas grandes obras do Senhor. O nascimento de Jesus é uma dessas maravilhas; não um mito, mas um fato poderoso que renova todas as coisas. O cântico novo é expressão de uma fé renovada, que reconhece na encarnação de Cristo a vitória definitiva sobre o pecado e a morte.

Proclamado entre a primeira e a segunda leitura, o Gradual serve como elo entre a promessa do Antigo Testamento e a realização no Novo Testamento. Ele nos conduz liturgicamente do anúncio profético de Isaías ao testemunho apostólico em Hebreus. Com isso, o Gradual prepara nossos corações para ouvir a plenitude da revelação

## **2.5 Segunda leitura: Hebreus 1.1-6 (7-12)**

O início da Epístola aos Hebreus (Hebreus 1.1–6) apresenta uma das declarações cristológicas mais densas e sublimes do Novo Testamento. O autor começa estabelecendo um contraste entre a antiga e a nova forma de Deus se revelar: “Havendo Deus antigamente falado muitas vezes e de muitas maneiras aos pais, pelos profetas” (v. 1), agora, “nestes últimos dias, nos falou pelo Filho” (v. 2). A expressão “últimos dias” indica que em Cristo se inaugura a plenitude da revelação divina. Os profetas foram portadores da Palavra, mas agora o próprio Verbo fala. Esse Filho foi constituído “herdeiro de todas as coisas” e, ainda, “por quem também fez o mundo” (v. 2), destacando a preexistência e a ação criadora de Cristo.

No versículo 3, o autor aprofunda a identidade do Filho, afirmando que ele é “o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder”. Cristo não apenas reflete a glória divina; ele a manifesta perfeitamente. Ao realizar a purificação dos pecados, “assentou-se à direita da Majestade nas alturas”, imagem de sua exaltação e autoridade. Esta é uma teologia de Cristo como mediador supremo, sacerdote e rei entronizado.

O versículo 4 conclui esse bloco inicial mostrando que Cristo se tornou “tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles”. Em seguida, os versículos 5 e 6 reforçam essa superioridade por meio de citações do Antigo Testamento: “Tu és meu Filho, hoje te gerei” (v. 5, citando o Sl 2.7) e “E todos os anjos de Deus o adorem” (v. 6). Jesus não é apenas um mensageiro entre muitos. Ele é o Filho gerado, não criado, digno de adoração por parte das criaturas celestiais.

O lecionário também oferece a possibilidade de leitura estendida até o versículo 12, o que aprofunda ainda mais a argumentação. Em Hebreus 1.7–12, o autor continua mostrando a supremacia de Cristo sobre os anjos. Ao citar o Salmo 102.25–27 nos versículos 10 a 12 (“Tu, Senhor, no princípio fundaste a terra, e os céus são obra das tuas mãos” [v. 10]), ele declara que, embora o universo se desgaste, Cristo permanece imutável: “Eles perecerão, mas tu permaneces; todos eles envelhecerão como uma veste [...] tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim” (vv. 11–12). O Filho eterno é soberano sobre o tempo e a criação e é por meio dele que Deus continua sustentando e redimindo todas as coisas.

Dessa forma, Hebreus 1.1–6 (ou 1.1–12) proclama com clareza que Jesus Cristo é a revelação definitiva de Deus. Ele é superior aos profetas, superior aos anjos, coeterno com o Pai, Criador e Redentor. A Igreja, ao ouvir essa proclamação, é chamada à fé reverente, à confiança firme e à adoração ao Filho que reina eternamente à direita da Majestade.

## **2.6 Verso: João 1.14**

O Verso Aleluiático para o Dia de Natal proclama com reverência e júbilo: “Aleluia. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai. Aleluia.” (João 1.14). Essas palavras ecoam o coração do mistério da encarnação: o Deus eterno, o Verbo divino que existia “no princípio” (João 1.1), entrou na história humana, assumindo nossa carne e habitando entre nós.

Esse versículo, extraído do prólogo do evangelho de João, é o clímax da teologia natalina. Ele declara que o Verbo eterno, por meio do qual todas as coisas foram criadas (João 1.3), não apenas se revelou, mas se uniu verdadeiramente à natureza humana, sem

deixar de ser Deus. Ele “tabernaculou” entre nós, uma alusão direta à presença de Deus na tenda da congregação no deserto, agora cumprida em Cristo. Assim, a glória outrora velada na nuvem do Sinai agora brilha no rosto do menino de Belém.

A expressão “cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14) revela que a presença de Cristo é a manifestação concreta da fidelidade e misericórdia de Deus, conforme prometido nas Escrituras (cf. Êx 34.6). Não se trata de mera aparência ou simbolismo: o Filho unigênito revela o Pai em plenitude (Jo 1.18), trazendo salvação, consolo e vida eterna.

Ao ser cantado ou recitado antes da leitura do Evangelho, o Verso cumpre seu papel litúrgico de preparar a congregação para ouvir a Palavra viva que se fez carne. Ele não apenas introduz a leitura, mas proclama o centro da fé cristã: Deus se fez homem por nós e para nossa salvação. Cantar “Aleluia” antes e depois da proclamação é a forma da igreja confessar, com alegria, que a glória de Deus agora está entre nós, visível, tocável e salvadora, em Jesus Cristo, nosso Senhor.

## **2.7 Evangelho: São João 1.1-14 (15-18)**

O prólogo do Evangelho segundo João (João 1.1–14), com a possível extensão até o versículo 18, oferece uma das mais profundas declarações cristológicas da Escritura. O texto inicia afirmando que “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (v. 1). A escolha do termo grego *lógos* conecta a Palavra criadora de Deus com o Cristo pré-existente. Assim como em Gênesis 1, João nos leva ao princípio de todas as coisas, mas agora para revelar que o próprio Verbo eterno estava com Deus e era Deus. Em outras palavras, o Cristo que veio habitar entre nós não é uma criatura exaltada, mas o próprio Deus, eterno com o Pai.

Dr. Weinrich observa que João 1.1 começa com três cláusulas coordenadas marcadas pela repetição do verbo ἦν (“era”), cada uma confessando a existência eterna do Verbo. Ele explica que o uso do imperfeito ἦν indica não um início, mas uma condição contínua e permanente do Verbo, uma existência que ultrapassa o tempo criado. Para Weinrich, João afirma que, no “princípio”, o Verbo já estava lá, voltado para Deus (πρὸς τὸν Θεόν), numa relação eterna de comunhão e distinção.

Os versículos seguintes (vv. 2–5) desenvolvem essa relação entre o Verbo e a criação: “todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (v. 3). Aqui aparece o verbo ἐγένετο (“veio a ser”), que contrasta de modo intencional e teológico com ἦν (“era”). Enquanto o Verbo era desde sempre, a criação veio a ser por meio dele. Weinrich destaca que João cria uma distinção ontológica absoluta entre o Criador e o criado.

Jesus é o agente da criação e o portador da vida: “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” (vv. 4–5). A linguagem da luz é rica em simbolismo bíblico e litúrgico, indicando revelação, salvação e vitória. Dr. Weinrich comenta que o verbo φαίνει (“brilha”) está no presente, enfatizando que a luz do Verbo continua a brilhar agora na proclamação da Igreja. Ainda que as trevas tentem resistir, a luz do Verbo não é vencida.

A partir do versículo 6, o texto introduz João Batista como testemunha da luz, enfatizando que ele “não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz” (v. 8). João Batista é modelo de testemunho fiel. Ele prepara o caminho para aquele que é a verdadeira luz, “que, vinda ao mundo, ilumina toda a humanidade” (v. 9). No entanto, essa luz encontra rejeição: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (v. 11). Mas a rejeição não é o fim da história. O Evangelho logo proclama a maravilhosa graça: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome” (v. 12). O versículo 12 é o ápice da resposta da fé: receber o Verbo é receber nova identidade como filhos de Deus.

Como ensina Lutero, ao comentar João 1.16, “não recebemos a graça por algum esforço nosso, mas pela graça e mérito alheio, somente do homem Jesus Cristo”. Ele diz ainda que “se obtenho a graça de Deus através de meu esforço, que necessidade tenho da graça de Cristo?”

Dr. Weinrich explica que esta seção (vv. 6–13) descreve a passagem “do testemunho de João ao Batismo cristão”, unindo água, sangue e Espírito em uma estrutura que permeia todo o Evangelho. O nascimento descrito em 1.12–13 não é biológico, mas teológico: é a nova criação realizada pelo Verbo. O verbo ἐγεννήθησαν (“foram gerados”) é, para Weinrich, um eco da tradição batismal da Igreja primitiva.

O ponto culminante deste prólogo é João 1.14: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do

Pai.” Aqui está o mistério da encarnação: Deus se torna homem, sem deixar de ser Deus. Ele “tabernaculou” entre nós. O verbo ἐσκήνωσεν (“armou sua tenda”, “tabernaculou”) evoca deliberadamente o tabernáculo do Antigo Testamento. Dr. Weinrich nota que João não usa o verbo comum da LXX (κατασκηνώω), mas o termo simples σκηνώω, preferido pelo evangelista para indicar a presença real e histórica do Deus encarnado no meio de seu povo. Assim como a glória de Deus enchia o tabernáculo (Êx 40.34), agora a glória divina reside corporalmente no Cristo encarnado.

Weinrich destaca também que João 1.14 é estruturado em três aspectos fundamentais — existência (ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο), relação (ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν) e revelação (ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ) — de modo semelhante às três cláusulas de João 1.1. A encarnação, portanto, não é apenas um fato histórico, mas o novo êxodo, no qual Deus cria um novo povo para si.

O lecionário permite a extensão da leitura até o versículo 18, o que oferece um encerramento teológico completo ao prólogo. O versículo 18 declara: “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está junto do Pai, é quem o revelou.” Com isso, João afirma que Jesus é o único capaz de tornar o Pai conhecido, pois é o Filho eterno, em íntima comunhão com o Pai. Ele é a plena revelação de Deus, a Palavra feita carne, o Salvador prometido.

Dr. Weinrich enfatiza que o versículo 18 forma um “inclusio literário” com 1.1, pois o Verbo que “estava voltado para Deus” (πρὸς τὸν θεόν) em 1.1 é agora o Deus unigênito “no seio do Pai” (εἰς τὸν κόλπον τοῦ πατρὸς). O mesmo Verbo que é eterno no princípio é aquele que revela o Pai no fim do prólogo.

Assim, João 1.1–14 (15–18) não apenas proclama a identidade divina de Jesus, mas convida à fé, à adoração e à confiança. O Verbo eterno que criou todas as coisas veio ao mundo para redimir a sua criação. Ele não veio de forma distante ou espiritualizada, mas encarnado, vivendo entre nós, trazendo graça sobre graça (v. 16). A leitura deste Evangelho no Natal é um chamado ao assombro reverente diante do mistério da encarnação, e à alegria confiante de que, em Cristo, Deus está conosco.

### **3 ORAÇÃO DO DIA**

“Todo-poderoso Deus, concede que o nascimento de teu único Filho nos liberte da escravidão do pecado; através de Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor, que vive e reina contigo e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.”

A Oração do Dia para o culto de Natal apresenta, em brevidade e profundidade, o centro da celebração cristã: a encarnação do Filho de Deus como libertação da humanidade. Ela se dirige ao “Todo-poderoso Deus”, reconhecendo a soberania divina sobre todas as coisas e, ao mesmo tempo, apelando à sua graça, para que o dom do Natal, o nascimento do seu único Filho, produza efeitos reais na vida do povo de Deus.

A petição é direta: que o nascimento do Senhor Jesus nos liberte da escravidão do pecado. Essa linguagem evoca temas centrais das Escrituras. O pecado é visto como um senhor que escraviza (Jo 8.34; Rm 6.6), e Cristo, ao vir ao mundo, não apenas revela Deus, mas vem com uma missão libertadora. Seu nascimento inaugura a obra redentora que culmina na cruz e na ressurreição, mas que já se manifesta no momento em que o Verbo assume nossa carne.

Portanto, esta breve oração condensa a teologia do Natal e da salvação: o Filho de Deus se fez homem para redimir os pecadores. É uma súplica que reconhece nossa impotência diante do pecado, mas também confessa com alegria que, em Cristo, o poder salvador de Deus se fez presente e eficaz. A oração, assim, conduz a congregação à adoração do Deus encarnado, que nasceu para nos libertar.

#### **4 PREFÁCIO PRÓPRIO DO DIA DE NATAL**

“É verdadeiramente digno, justo e do nosso dever, que em todos os tempos e em todos lugares te demos graças, ó Senhor, santo Pai, onipotente, eterno Deus, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor, *pois, no mistério do Verbo que se fez carne, tu nos deste revelação de tua glória, a fim de que, vendo-te na pessoa de teu Filho, possamos conhecer e amar as coisas que não podemos ver.* Portanto, com os anjos e arcanjos e com toda companhia celeste, louvamos e magnificamos o teu glorioso nome, exaltando-te sempre, dizendo:”

O Prefácio próprio do Dia de Natal, proclamado logo após o diálogo inicial da liturgia da Santa Ceia, é uma confissão litúrgica que une doutrina, adoração e preparação sacramental. Ele nos conduz ao mistério central da celebração do Natal e nos prepara para receber o próprio Cristo presente no Sacramento do Altar.

No centro deste prefácio está o mistério do Verbo que se fez carne (João 1.14), um dos fundamentos da fé cristã. É essa mesma carne encarnada que, agora glorificada, se entrega na Ceia: “Isto é o meu corpo... isto é o meu sangue”. Assim, a encarnação não é um evento distante ou meramente comemorativo. Pelo contrário, ela se atualiza sacramentalmente. O Cristo nascido de Maria está verdadeiramente presente sob pão e vinho, oferecendo-se como dom aos fiéis. O mesmo Verbo que assumiu nossa natureza agora alimenta nossa fé com sua presença real.

O prefácio também declara que na encarnação recebemos “a revelação de tua glória”. Esta glória, manifesta no rosto de Cristo (2Co 4.6), é paradoxal: ela se revela na humildade de um menino e na entrega de si mesmo na cruz. Mas é precisamente essa glória escondida que é dada na Ceia. Ali, não vemos com os olhos, mas pela fé: “conhecer e amar as coisas que não podemos ver”. Assim como os pastores foram ao encontro do menino deitado na manjedoura, os fiéis vão ao altar para encontrar o Senhor encarnado que se entrega a nós, velado nos elementos.

A última parte do prefácio destaca a dimensão cósmica do culto: “com os anjos e arcanjos e com toda companhia celeste”. Essa linguagem aponta para a realidade que a Ceia antecipa: o banquete escatológico do Cordeiro (Ap 19.9). No altar, não apenas nos lembramos do Natal, mas participamos do louvor eterno, unidos aos santos de todos os tempos e lugares. A liturgia se torna, então, o lugar onde o céu toca a terra, como aconteceu na gruta de Belém, e onde recebemos, com alegria, aquele que “habitou entre nós” e agora habita em nós.

Assim, o Prefácio do Natal nos prepara para a Santa Ceia lembrando-nos de que, naquele Menino, Deus se fez carne, e que esta mesma carne é entregue a nós para perdão, vida e salvação. Nele, a glória de Deus se revela, e por ele, a igreja se une à comunhão celestial para louvar aquele que veio, vem e virá.

## **5 CONEXÕES TEOLÓGICAS ENTRE AS LEITURAS DO DIA DE NATAL**

As leituras do Natal convergem na proclamação de que, em Jesus Cristo, o Verbo eterno de Deus se fez carne, e com isso Deus trouxe salvação plena a toda a criação.

## **5.1 Intróito**

O Intróito, composto por Isaías 9.6 e Salmo 98.1-4, já introduz com louvor o centro da celebração natalina: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros” (Is 9.6). Este menino é a revelação do “Deus Forte” e “Príncipe da Paz”, e seu nascimento é motivo de cântico novo por parte de toda a terra (Sl 98.1,4). A alegria que ecoa neste salmo aponta para a manifestação visível da salvação de Deus em Cristo, conforme o Evangelho de João anunciará. A antífona de Isaías e o louvor do salmo unem-se para declarar: em Jesus, Deus revelou sua justiça e fidelidade diante de todas as nações (Sl 98.2-3).

## **5.2 Isaías 52.7-10**

Em Isaías 52.7-10, ouvimos o anúncio das “boas-novas” de salvação, a proclamação de que “o Senhor consolou o seu povo” (v. 9) e que “todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus” (v. 10). Essa promessa se realiza plenamente em João 1.14: “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”. A Palavra que antes ecoava pelos profetas agora assume forma humana e vem ao mundo como aquele que consola, redime e revela o Pai. O Deus que reina desde Sião agora reina no meio do seu povo em carne e osso.

## **5.3 Salmo 2**

O Salmo 2, com sua afirmação “Você é meu Filho, hoje eu gerei você” (v. 7), apresenta o decreto divino que estabelece o reinado do Messias. Essa entronização se cumpre na encarnação, conforme o prólogo de João: o Verbo era Deus (Jo 1.1) e, ao tornar-se carne, manifesta sua autoridade e identidade como Filho eterno do Pai, cheio de graça e de verdade (Jo 1.14). A rejeição do mundo e dos poderosos mencionada no salmo (vv. 1-3) ecoa em João 1.11: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.” Ainda assim, aos que o recebem, ele concede autoridade para se tornarem filhos de Deus (Jo 1.12).

#### **5.4 Hebreus 1.1-6(7-12)**

A leitura de Hebreus 1.1-6(7-12) complementa a revelação do Evangelho ao afirmar que Deus, que outrora falou por meio dos profetas, agora nos fala pelo Filho (v. 2), que é o resplendor da sua glória e a expressão exata do seu ser (v. 3). João usa linguagem semelhante ao dizer que vimos sua glória (Jo 1.14), e que ele é o Verbo por meio do qual todas as coisas foram criadas (Jo 1.3). Hebreus ainda descreve o Filho como superior aos anjos, o que reforça a dignidade única daquele que veio ao mundo não como criatura, mas como Criador encarnado.

#### **5.5 João 1.1-14(15-18)**

O próprio Evangelho de João 1.1-14(15-18) é o eixo em torno do qual todas as demais leituras gravitam. O prólogo joanino apresenta, em linguagem elevada e poética, a verdade teológica central do Natal: o eterno Verbo de Deus, por quem tudo foi feito, entrou na criação. A luz brilhou nas trevas, trazendo vida, graça e verdade (Jo 1.4-5,14). Essa revelação responde ao anseio profético, cumpre os salmos e fundamenta toda a esperança cristã: em Jesus, o Deus invisível tornou-se visível e habitou entre nós. O Filho eterno veio para dar-nos o poder de nos tornarmos filhos de Deus (Jo 1.12-13). João Batista, como voz que clama, prepara esse caminho, apontando não para si, mas para o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1.15,29).

#### **5.6 Conclusão das conexões**

Assim, o Tempo de Natal não é apenas uma memória festiva, mas uma vivência profunda da realidade da encarnação. A Igreja, conduzida pelo Espírito, proclama com alegria que Deus se fez carne e habitou entre nós. E é nesse Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, que encontramos redenção, consolo e esperança.

### **6 SUGESTÃO HOMILÉTICA**

**Tema:** A janela aberta de Deus. **Texto base:** João 1.1–14. **Versículo-chave:** “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai.” (João 1.14)

### **6.1 Introdução: a imagem da janela na madrugada**

- Ilustração inicial: alguém abrindo uma janela no meio da noite.
- Uma luz tênue entra. A mudança começa, discretamente.
- O Natal é essa janela aberta no meio da noite do mundo.

### **6.2 A chegada da luz: o mistério da encarnação**

- Deus não veio com espetáculo ou exércitos, mas como um bebê.
- “Vimos a sua glória” — a glória escondida na humildade de Belém.
- A glória de Deus se manifesta no que é fraco aos olhos humanos (cf. 1Co 1.27).

### **6.3 A rejeição da Luz: Lei**

- João 1.11: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.”
- Aplicação: rejeitamos a luz ao: negligenciar a Palavra, tratar o culto como opcional, viver na indiferença espiritual, escolher nossos próprios caminhos.

### **6.4 Mas a Luz permanece: Evangelho**

- Mesmo diante da rejeição, ele vem.
- A graça insiste. Deus não desiste.
- O Natal é Deus dizendo: “Eu estou aqui por você.”
- A luz que cura, consola e permanece.

### **6.5 O Sacramento como continuação da encarnação**

- A manjedoura e o altar: Cristo continua vindo.

- Na Ceia, o mesmo Cristo se entrega: graça sobre graça (Jo 1.16).
- A presença real de Cristo é a glória que podemos tocar, receber e adorar.

#### **6.6 Conclusão: leve a Luz com você**

- Retorno à imagem da janela na madrugada.
- Mesmo que tudo ao redor pareça escuro, a luz entrou.
- Cristo está com você.
- Viva, adore e caminhe sob essa luz.

Rev. Filipe Schuambach Lopes

Caxias do Sul, RS